REVISTA TRIPLOV
DE ARTES, RELIGIÕES E CIÊNCIAS

Série Viridae . Ana Maria Haddad Baptista . Maio de 2022

Marco Lucchesi: o percurso de uma estrela ao infinito

Ana Maria Haddad Baptista

Misteriosos. Paradoxais são os caminhos que podem conduzir uma pessoa a se apaixonar por literatura. O contato com os livros, desde a infância, não é a garantia de um futuro leitor. Nada garante nada.

O tempo aqui exibia
o infinito. Total.

Desde que aprendi a ler tive paixão pelas histórias. Pela literatura. Meus pais nunca deixaram que os livros faltassem em nossa modesta biblioteca. Lia tudo o que caía em minhas mãos. Deliciava-me. Devaneios sem fim. Sempre fui apaixonada por literatura. Emprestava livros de bibliotecas particulares, escolares e públicas. Uma leitora voraz. Exigente. Tive excelentes professores de literatura. Quanto devo a eles!

O meu envolvimento, preliminar, com a literatura de Marco Lucchesi começou, na verdade, com a tradução de, (realizada por ele), *A ilha do dia anterior* de Umberto Eco. Há muitos e muitos anos durante meu mestrado. Precisava, à época, descobrir (por conta de minha pesquisa) conceitos denominados ficcionais a respeito de tempo-memória. E aqui vai um segredo. Mas que agora deixa de sê-lo: embora eu

Que mistério
o livro de Eco
tão diferente.

reconheça a grandiosidade do conjunto de obras de Umberto Eco, nunca fui apaixonada por ele. Muita gente tem receios de certas confissões. Não me sinto obrigada a amar um autor famoso pela simples razão de que muitos gostam dele. Mesmo sendo reconhecidamente excepcional. Mas *A ilha do dia anterior* tinha algo de diferente. Hoje está muito claro para mim que foi a tradução impecável e de alma realizada por Marco Lucchesi. Não tenho a menor dúvida disso.

No ano de 2014, mês de junho, recebo um e-mail de Marco Lucchesi, a pedido de nosso saudoso mestre Ubiratan D'Ambrosio, para escrever um ensaio sobre Literatura e Matemática. Para uma revista que os dois estavam organizando. Aceitei prontamente. Minutos depois pedi ao Marco, sem me lembrar dele enquanto poeta, romancista, tradutor, ensaísta, alguns detalhes formais que deveriam estruturar o ensaio. Espanto! Após alguns segundos veio a resposta. Por volta de seis horas da manhã. Pensei comigo: existem mais pessoas (além de mim e outros raros) que também acordam muito cedo para escrever? Existem pessoas, ainda, que respondem, prontamente, um e-mail? E ainda por cima respostas educadas. Delicadas. Mas quem é Marco Lucchesi? Será que é algum orientando do Ubiratan? Pensei tantas coisas...mas pela estrutura, singularíssima, do e-mail sabia, intuitivamente, que o Marco era um poeta 'nato'. Inegável. Fui para a internet buscá-lo. Apreendê-lo.

Quem seria esse menino? Quantos anos teria? Não faço ideia. Educado! Ele inspira ternura.

Alguns meses depois enviei meu ensaio até antes do prazo estabelecido. Meia hora depois Marco Lucchesi me enviou um e-mail educadíssimo agradecendo e pasmem: ele tinha lido o ensaio. Disse-me, para meu assombro, que havia gostado do texto. (Qual a razão de meu espanto? Por razões elementares: a atmosfera asfixiante que nos permeia subtrai nosso tempo de forma tal que praticamente ninguém lê ninguém. Há uma ausência quase que total de comunhão.) Desse momento em

Será que ele gostou mesmo do meu texto? Será? Ele até faz um elogio. Ele teria sido sincero?

diante nasceu uma amizade e uma interlocução muito profunda. Tinha diante de mim um escritor humano. Profundamente humano. Humilde. Começamos a trocar livros. Ideias. Textos. Projetos editoriais.

Gradativamente, em poucos meses, fui lendo o extenso (e intenso) conjunto de obras de Marco. Encantava-me a cada livro. Se ele me perguntasse qual meu livro preferido não teria uma resposta. Já pensei muito nisso. Cada livro, texto ou registro, do Marco ocupa um lugar especialíssimo em minha alma. Poesias, romances, memórias, cartas, traduções, ensaios, textos jornalísticos, discursos, prefácios, posfácios, orelhas de livros, entrevistas. Ele transita pelas mais variadas mídias. Seguro. Um olhar que cintila de perto e de longe. Como se estivesse entrecruzando universos diferentes rumo, sempre, ao infinito. Mas buscando trazer para nós aquilo que o surpreende e o inquieta.

E o encantamento permanece atualíssimo.

Sou uma das raríssimas privilegiadas deste mundo que ama o que faz. Como professora de literatura não podia guardar a poética de Marco Lucchesi somente para mim. Queria, como sempre faço, compartilhar a grandiosidade desta literatura, indiscutivelmente, uma das melhores do Brasil e do mundo. (Ressalto que não sou a única a afirmar isso.) Comecei a indicar os seus livros para meus alunos de graduação, do pós-graduação *stricto sensu*, para professores de literatura. Foi uma verdadeira explosão! A literatura de Marco, para quem não a conhecia de perto, foi acolhida da mesma forma que eu a acolhi. Admiração. Espanto. Assombro diante do novo e da transgressão. Da erudição sensata e sedutora. Da humildade intelectual. De sua tranquilidade ao transitar pela Torre de Babel (ele domina mais de vinte línguas e ainda inventou uma).

O seu domínio na área musical é espantoso e ainda toca piano... E, também, canta.

Em outubro de 2016 Marco veio do Rio de Janeiro, (ele mora em Niterói), para a Universidade Nove de Julho de São Paulo lançar *Carteiro Imaterial*. Um livro de ensaios. Jamais vou

Os meus alunos de Letras ficaram maravilhados. Perceberam erudição e sensibilidade.

Clio foi uma explosão. Emocionante. Os alunos da pós ficaram sem sem fala... Foi demais.

Primeiro
e estudamos
em parceria.
comoção.

Depois
fizemos
Marco foi
Não
Não

esquecer de minha felicidade. Eu iria conhecê-lo pessoalmente. O lançamento foi um dos encontros mais emocionantes de minha vida e não nego: também para nossos professores e estudantes. O auditório da Universidade ficou lotado (por volta de seiscentas pessoas). Foi uma grande oportunidade para conhecer Marco Lucchesi mais de perto. Os comentários de tal encontro ficaram ressoando durante semanas e semanas. Professores e estudantes pensavam somente em uma coisa: como trazê-lo, mais e mais, para nós? O que vamos fazer sem o Marco? Ele nos abriu, seguramente, um caminho irreversível.

Depois desse encontro, em alguns anos, muitas outras coisas, velozmente, aconteceram e não param: a literatura de Marco virou linha do grupo de pesquisa, CNPq, liderado por mim. Marco Lucchesi se "transformou" em disciplina dos programas de pós-graduação, da área de Educação, *stricto sensu* da Universidade Nove de Julho de São Paulo.

Trabalhos de Iniciação Científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado estão centrados em suas obras. Muitos concluídos. Outros em pleno andamento. Voltou diversas vezes para encontrar seus leitores. Não somente para lançar seus livros. Mas, também, para ser homenageado com as fortunas críticas sobre sua literatura. Estive diretamente envolvida com muitas delas. Marco Lucchesi não dá espaço para a espera ou para o tédio. Está sempre em movimento. Sempre. Não é fácil acompanhá-lo porque seu percurso é plural e, muitas vezes, surpreendente.

Uma orientanda minha de doutorado alterou sua pesquisa inicial e trabalhou a literatura de Marco Lucchesi.

Em 2018 foi eleito presidente (permanece até hoje) da Academia Brasileira de Letras. Tal fato não interferiu em seus projetos editoriais e muito menos em seus encontros com os leitores. Como presidente da ABL, (amplamente sabido), estendeu e intensificou pontes culturais. Visitou, mais ainda, muitos países, especialmente, os mais vulneráveis. Faz doações de livros não somente para o Brasil. Mas para outros países em

Ele doa, continuamente, livros raríssimos de sua biblioteca pessoal para bibliotecas, instituições, presídios...

que a língua portuguesa é falada. Não mede esforços para concretizar acordos, convênios e parcerias que estimulem a cultura. Intersecções entre culturas diferentes para a desejável *cultura da paz.*

Muito conteúdo. Espantoso. A perfeição das metáforas.

A literatura de Marco Lucchesi habita e atravessa nossas bibliografias. Sempre. Despertou e desperta, sem dúvida, nossas reservas, (como afirma Simondon), pré-individuais. Convida-nos ao despojo do tédio habitual causado pelo estabelecido, em especial, nas academias, assim como potencializa nossos projetos. A poética que circunscreve o conjunto de obras de Marco Lucchesi mostra, efetivamente, o quanto a literatura possibilita novas formas de pensar, transgredir, escrever e, sobretudo, amar.

Sua literatura nos faz entender melhor o valor real da solidão.

Uma coisa, na verdade, não me surpreende. Sempre que organizo uma fortuna crítica para o Marco, as pessoas, enquanto escrevem seus respectivos ensaios, são arrastadas para fora de si mesmas. Por que omitir isso? Sempre que faço, com grande alegria, um ensaio a respeito das obras de Lucchesi sinto a mesma coisa. Em diversos momentos de sua vida Michel Foucault declarou que quando terminava um livro se sentia transformado. Uma certa experiência-limite como diria Blanchot. É exatamente o que sentimos quando mergulhamos na densidade e espessura da literatura de Marco Lucchesi. Ao atravessarmos a sua literatura compreendemos, muito melhor, o valor do silêncio. (Ingeborg Bachmann [1]: Façam silêncio comigo, como todos os sinos silenciam!) Aprendemos, de fato, que ele possui vozes imponderáveis e fala muito mais alto do que determinados brados sem força e sem direção. Aprendemos, com Marco, que existe uma *estética da solidão.* Aprendemos com ele que não basta ler poesia. Ou escrevê-la. É preciso praticá-la. Ele nos ensina, acima de tudo, que viver

Um dos seres mais corajosos que conheci.

[1] Ingeborg Bachmann, **O tempo adiado e outros poemas.** Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Todavia, 2020. p. 31.

poeticamente significa ultrapassar as linhas da superfície e enfrentar aquilo que nos incomoda de fundo.

Nesta medida, importante destacar, a literatura, como um todo, de Lucchesi não é um entretenimento, evasão, escapismo ou semelhante. Não. A literatura do poeta é aquela que, entre outras coisas, consegue captar metáforas e imagens. A literatura de Lucchesi é atravessada pelo pensamento. (Valéry: "Pensar consiste, quase todo o tempo em que fazemos, em vagar por entre os motivos acerca dos quais sabemos, antes de tudo, que os conhecemos *mais ou menos bem.* As coisas poderiam ser classificadas de acordo com a facilidade ou a dificuldade que oferecem à nossa compreensão, segundo grau de familiaridade que temos com elas e conforme as resistências diversas que suas condições ou suas partes nos opõem para serem imaginadas juntas" [2] .) Neste momento pelo qual atravessa a humanidade talvez jamais necessitamos tanto delas. Por quê? Porque somente elas poderão, como muitos pensadores da maior grandeza afirmaram, captar, adamicamente, imagens que emergem ante aos nossos olhos, principalmente quando o *céu em chamas* tende a nos derrotar. A poética, em seu sentido mais abrangente, de Marco Lucchesi são arcabouços, (por lembrar de Ricardo Mazzeo), estruturantes da imaginação e nunca foram tão imprescindíveis. Jamais, creio eu, o nosso planeta precisou tanto de novos instrumentos que elucidem a nossa interpretação de tudo aquilo que nos assola. Precisamos de mais redes conceituais. E isso temos de sobra nos registros de Marco Lucchesi que retira, a cada obra sua que é lançada, (e não são poucas), aquelas camadas sígnicas que entorpecem o que não poderia ser imperceptível. Em outras palavras: a famosa teia invisível dos poderes hipocritamente estabelecidos e conjugados que se julgam acima do bem e do mal.

Imagens regidas por sons insondáveis.

[2] Paul Valéry, **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** Tradução de Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Editora 34, 1998. pp. 47-48.

Há uma propriedade neste poeta que não escapa a ninguém: usa a liberdade e consegue dar movimento ao abstrato.

As pessoas envolvidas com a literatura de Marco Lucchesi, em especial, com algum tipo de pesquisa, ficam inquietas com a arquitetura de pensamento que predomina no poeta! Como seria o processamento interno, subjetivo pelo qual Marco é envolvido? Muito intrigada e instigada quis fundamentar para mim mesma e para demais interessados o processo. Trata-se, sempre, de uma questão de percepção e em busca da verdade e, soberana, a busca pela perfeição. E, sobretudo, ele compreende, tal qual Einstein, de que deve haver "algo escondido nas profundezas das coisas" [3].

Em princípio pode-se afirmar, como nos lembra Paul Valéry a respeito de Leonardo da Vinci, que Marco "é o tipo supremo desses indivíduos superiores" [4]. Não tenho a menor dúvida disso. Por tal trilha, ao considerarmos o conjunto de obras de Lucchesi, ele parece se guiar e é regido por um profundo sentimento de sons, cores, conceitos que se mesclam de forma simultânea de alta complexidade. Aliás, não podemos desconsiderar os índices de tal busca quando Lucchesi atravessa Leonardo da Vinci. Altamente reveladores.

Existe aqui um tom aromático!

Leonardo

Como buscar a ideia sublimada,
a insólita paisagem árdua e pura,
sonhada pela mente enamorada
nos veios ásperos da pedra dura?
Como sofrer em plena madrugada
o fogo da verdade que tortura
aquele que pressente o frio do nada

---

[3] Albert Einstein, **Notas autobiográficas.** Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 15.

[4] Paulo Valéry, **A arte de pensar**: ensaios filosóficos. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. p. 97.

nas formas peregrinas do que procura?
Que a chama sublimada se resfria
na longa solidão que nos impinge
essa esperança vã, essa agonia.
A ideia soberana não se atinge:
a um laivo apenas, uma algaravia,
a tanto a nossa mente se restringe. [5]

Em que medida o poeta aceita seu "belo destino"?

A busca de Lucchesi, por assim dizer, é atravessada por uma incrível sensibilidade que jamais se esgota. E nem poderia: Lucchesi é um poeta de nascença. Longe de mim os determinismos ou as lendas sobre dons. Mas, temos que admitir, na esteira de Peirce, que existem determinações inescapáveis. Temos que admitir as determinações que nos circunscrevem. Tal posição, ainda sob a ótica de Peirce, não subtrai, de forma alguma, a influência do meio e outros mistérios que nos cercam. A cosmologia atual, (em especial, a de Bergson), deixa muitos espaços para a indeterminação. Podemos e temos espaço para agir fora do que foi determinado. O todo está dado. Mas é aberto, diz Bergson. Mesmo com as ocorrências fora de nosso controle e que independem de nós e acima como as estrelas que se escondem sob uma névoa repentina.

Imaginemos os abismos que deve enfrentar.

Ouçamos Agnes Heller: "Se confiamos enquanto indivíduos em nossos ideais e em nossas condições, isto é, se confiamos nelas sobre a base de um permanente controle da situação, das autoridades e também (e não em último lugar) de nossas próprias motivações, se estamos dispostos a negar confiança a nossas ideias na medida em que o conhecimento e a experiência as contradigam de modo regular, se não perdermos

[5] Marco Lucchesi, **Domínios da Insônia:** novos poemas reunidos. São Paulo: Patuá, 2019. p. 83.

a capacidade de julgar corretamente o singular, então seremos capazes de nos libertar de nossos preconceitos e de reconquistar sempre a nossa relativa liberdade de escolha"[6]. E Celan: "Tantas constelações, que se nos dão"[7].

Muitos escritores agem como se estivessem cumprindo uma tarefa. Lembro, de maneira necessária, de Deleuze: há pessoas que têm intenções literárias. Completo: a maioria delas. Mas existem os escritores de verdade. Estamos diante de um: Marco Lucchesi.

Stefan Zweig, com muita lucidez, afirmou que um dos grandes mistérios desta vida seria tentar desvendar, de fato, o processo de criação de um artista ou um poeta de verdade. Podemos, esclarece, conhecer o mundo que eles nos oferecem. Mas, com certeza, jamais poderemos penetrar em seus universos de criação. Um verdadeiro paradoxo. Não podemos participar do ato de criação artística. A origem de uma obra poética é indecifrável. A concepção de um poeta é pura interioridade. Um espaço ilhado e inatingível de seu cérebro. No entanto, podemos, penso eu, buscar alguns índices em busca de tangenciar tais mistérios. Embora sabendo que tal tarefa se situa no rol das pretensões. Do quase inatingível. Cheio de riscos e desafios. E muitos desvios. Mas arrisco-me.

Por meio das entrevistas que Marco concede, além de índices de seus livros e tantos outros sabemos que o poeta prima e luta por seu silêncio. Diversas vezes declara que o silêncio para ele é fundamental? Por quê? Ora, sabemos que somente atravessados pelo silêncio podemos, de fato, ter acesso à

Ele possui, na verdade, uma estética inconfundível do silêncio.

[6] Agnes Heller, **O cotidiano e a história.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 88.

[7] Paulo Celan. **A rosa de ninguém.** Tradução de Mauricio Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 51.

subjetividade absoluta. Ouçamos Byung-Chul Han: "A subjetividade absoluta é a subjetividade na forma de conclusão. Sem silêncio, ela se dispersa e não pode retornar a si"[8] .

Por um outro lado, rege o seu silêncio a construção, espontaneamente, não intencional, um tipo raro de intuição. Aquela que somente é permitida a pessoas de grande sabedoria. E aqui, devido aos mistérios complexos que sobrepairam acerca do assunto, nos chegam questionamentos importantes: em que medida uma intuição pode ser localizada? Avaliada? No caso de um poeta como Marco Lucchesi não posso deixar de lado uma questão proposta pelo pensador chinês Yuk Hui: existe uma intuição proposta por Kant que, por sua vez, admitiu uma intuição sensorial. "A intuição sensorial é o solo em que a razão trabalha e para além do qual poderia acabar se afogando no oceano"[9], nos afirma Yuk Hui. A intuição sensorial seria inata. No entanto, trilhando tal perspectiva, mesmo que de forma movediça, existiria, de acordo com a forma de pensar dos chineses, o cultivo de uma intuição intelectual. (E Bei Dao [10]: estrelas reservam lugares no teatro da noite) O que seria a intuição intelectual? Aquela que não é inata como a sensorial de Kant. Precisa ser buscada. Desenvolvida. Não é dada. Estamos diante de um processo exigentíssimo de fundamentação. Raríssimas pessoas conseguem desenvolver uma intuição intelectual. Mas é o caso de Marco Lucchesi.

Sempre tive a certeza de que Marco possuía uma intuição singular.

O próprio Yuk Hui se pergunta o que seria a intuição intelectual e como podemos e devemos fazê-la funcionar. E vejo aqui, mais do que nunca, a importância dos mecanismos

---

[8] Byung-Chul Han, **Favor fechar os olhos:** em busca de um outro tempo. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 15.

[9] Yuk Hui, **Tecnodiversidade.** Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 182.

[10] Dez poetas chineses contemporâneos, **Um barco remenda o mar.** Tradução de Yao Feng et.al. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 53.

de pensamento de Marco Lucchesi. "(...) a intuição intelectual é a razão sintética [Lucchesi: "O juízo sintético a priori de Kant e a anamnese platônica. Não a natureza da alma. Antes, a eternidade da Alma e da Ideia. O semelhante conhece apenas o semelhante".[11]] que entende a relação entre o eu e outros seres (ou o cosmos) a partir da perspectiva de um sujeito moral, e não de um sujeito do conhecimento. O sujeito moral e o sujeito do conhecimento são duas tendências do desenvolvimento humano. O sujeito moral é anterior ao sujeito do conhecimento. Quando um sujeito do conhecimento olha para o mundo, ele procura compreendê-la a partir de uma decomposição analítica; o sujeito moral, por sua vez, enxerga [A voz de Bei Dao: elevo-me para outro andar/ sábios tocam tambores nas nuvens/ um barco remenda o mar/ por favor enlace este momento no horizonte/deixem o milho e as estrelas se entrelaçarem/[12]] a intercorrelação das coisas a partir de uma razão sintética que sempre busca a unificação das ordens cósmica e moral " [13].

Yuk Hui, sob a perspectiva de Mou Tsung-San, argumenta que: "(...) a intuição intelectual está associada à criação (cosmogonia, por exemplo) e à metafísica moral (em oposição à metafísica dos costumes de Kant, cuja base é a capacidade de entendimento do sujeito)" [14].

Onde está situado o meu coração?

Nessa medida, a intuição intelectual "sugere que o coração [O poeta Xi Chuan: Há um mistério que não se pode refrear/ só há o papel de espectador/obedecer a força do mistério/ que envia seu sinal de um lugar remoto/ que emite uma luz que perfura o

---

[11] Marco Lucchesi, **Vestígios:** diário filosófico. Belo Horizonte, MG: Tesseractum Editorial, 2021. p. 76.

[12] Dez poetas chineses contemporâneos, **Um barco remenda o mar.** Tradução de Yao Feng et.al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[13] **Tecnodiversidade,** p. 183.

[14] Idem.

coração [15]] pode conhecer coisas[Lucchesi: "Coração e alma coincidem como espelhos que refletem a Beleza no espelho do coração" [16].] que não estão limitadas aos fenômenos" [17]. Somente a intuição intelectual não estaria condicionada a um conhecimento determinado pela intuição sensorial. A intuição intelectual, como provam os registros de Marco Lucchesi, em todas as suas "tipologias" textuais e não textuais, sugerem uma iluminação completa. E como tal, eis o ponto chave, os seres aparecem para pessoas como ele, como "o em si". E não apenas como objeto do conhecimento. Ouçamos Marco Lucchesi:

de céu a
céu
eu me perdi
na selva
prodigiosa
dos sentidos
ah como adivinhar
o exílio
e partilhar os saberes
e destinos
mais livres
e celestes
no seio
do ultracéu? [18]

---

[15] **Um barco remenda o mar,** p. 85.

[16] Marco Lucchesi, **A flauta e a Lua**: poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. p. 125.

[17] Idem, p. 184.

[18] **Domínios da Insônia,** p. 487.

Como domar
a simultaneidade?
Como?

Na verdade a compreensão ao partir da intuição intelectual é o ponto essencial que caracteriza a filosofia chinesa e, consequentemente, sua metafísica moral. Sob a ótica de Yuk Hui temos que admitir que existe uma forma de conhecimento que vai muito além dos fenômenos. Existe, em especial nos dias atuais, uma necessidade urgente de se repensar a razão ocidental. Temos que admitir outras formas de conhecimento (o pensador chinês chama a atenção, em especial, para as questões que envolvem a tecnologia), outras formas de compreensão de mundo.

O conjunto de obras e registros de Marco Lucchesi como se verá, em parte, pelos ensaios deste livro, nos autoriza a tal afirmação. (Indagações de Einstein: "Além de mim, fora de mim, estava o mundo imenso, que existe independente dos seres humanos e que se nos apresenta como um enorme e eterno enigma, em parte acessível à nossa observação e ao nosso pensamento (...) A conquista mental desse mundo extra-individual dentro dos limites da capacidade humana se me apresentava meio consciente e meio inconscientemente como o objetivo supremo "[19].)

O nosso poeta desde criança possui pequenas angústias incomuns para sua idade. Vejam-se as mais variadas entrevistas dadas pelo autor, entre outras fontes, que não a de propriamente de seu legado literário. A busca, a ânsia, a insônia, o alto grau de experimentalismo que todas as suas obras carregam. Fora as obras radicalmente experimentais. O experimentalismo, como afirma Adorno: "A frase de Valery – na arte o melhor do novo sempre corresponde a uma antiga necessidade – é de um alcance incalculável; ela não apenas explica os movimentos mais destacados do novo, difamados como experimentos, enquanto respostas necessárias a questões não resolvidas, mas

[19] Albert Einstein, **Notas autobiográficas.** Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 15.

também destrói a aparência ideológica da segurança bem afortunada que muitas vezes o passado só assume porque o antigo sofrimento não é mais imediatamente legível como cifra do sofrimento do mundo contemporâneo" [20]. E o incontestável: uma vontade incontida de atravessar os diversos campos do saber e as diversas linguagens. O desafio, para ele, de pensar o mais profundamente possível.

Inútil pensar em uma metodologia já estabelecida para interpretar Lucchesi. Tempo perdido. São seus textos que nos conduzem e delineiam um "método".

Advertência: como é a arquitetura da intuição intelectual de Marco Lucchesi? Um método. Na mesma perspectiva da leitura de Deluze em sua brilhante leitura sobre a intuição em Bergson. O método que "transfere" para nós. Ou seja, a eterna desconfiança de todas as formas de linguagens e de percepção. Por isso, em parte, a sua busca, incansável, pela "verdade". Onde está? Onde está a "exatidão"? Como encontrar a "perfeição"? (Louise Glück [21]: "Venha para mim, dizia o mundo./O que não significa/ que o mundo falasse em frases exatas/ mas que era assim que eu sentia a beleza."). Para completar a coerência de minhas afirmações a questão das línguas que o poeta domina. Ou seja, mais de vinte. E ainda: não nos esqueçamos de que Lucchesi inventou a língua laputar. Com uma gramática própria. Um poliglota respeitável como Lucchesi sabe (e como sabe) que cada língua estrutura nossa forma de pensar e de apreender o mundo de acordo com ela mesma.

A complexidade de seu pensamento é regida por sínteses sensoriais e intelectuais.

Conforme se sabe, entre as palavras, não desconsiderando que podemos pensar por signos não verbais, existe um abismo quase intransponível entre o nosso intelecto e os dados brutos da "realidade" que buscamos. E para adentrarmos mais a fundo temos que considerar, acima de tudo, que a "a multiplicidade

---

[20] Theodor Adorno, W. **Sem Diretriz – Parva Aesthetica.** Tradução de Luciano Gatti. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 51.

[21] Louise Glück, **Poemas 2006 – 2014.** Tradução de Heloisa Jahn, Bruna Beber e Marília Garcia. São Paulo: Cia das Letras, 2021. p. 25.

das línguas revela a relatividade das categorias do conhecimento. O problema ontológico e epistemológico da língua torna-se evidente. Há tantos sistemas categoriais e, portanto, tantos tipos de conhecimento, quantas línguas existem ou podem existir [A voz de Ingeborg Chamann [22]: Quem nunca se abateu pela palavra, /e digo-lhes, / quem só sabe cuidar de si/e com as palavras – / desse modo não há como cuidar. / Pelo caminho curto não, /e não pelo longo. / Tornar sustentável uma única frase, / resistir no assombro de palavras./ Esta frase não escreve aquele/ que não a assina.] A tênue relação entre a razão e a *coisa em si*, que a filosofia kantiana estabelece, é, portanto, no melhor dos casos, um aglomerado de fios substituíveis entre si arbitrariamente" [23]. Prossegue Flusser: "A imagem que se oferece é a seguinte: a realidade, esse conjunto de dados brutos, está lá, dada e brutal, próxima do intelecto, mas inatingível. Este, o intelecto, dispõe de uma coleção de óculos, das diversas línguas, para observá-las. [Lucchesi: "Sou uma nuvem de livros e ideias fervilhantes. (...) Raios e tempestades. O estudo do persa tem sido um massacre. Conheço-me. Será difícil dormir esta noite. Como que tomado por raízes e desinências" [24].] Toda vez que troca de óculos, a realidade *parece ser* diferente. A dificuldade dessa imagem reside na expressão *parece ser*. Para *ser*, a realidade precisa parecer. Portanto, toda vez que o intelecto troca de língua, a realidade é diferente" [25]. No caso de Lucchesi lembremos: ele é um poliglota incomum. E um grande tradutor. Das mais variadas línguas. Imaginemos a quantidade de universos que fervilham em seu intelecto. Lucchesi: " A possibilidade da

Imagino
as tramas
que devem
fervilhar
em seu intelecto.

[22] **O tempo adiado,** p. 133.

[23] Vilém Flusser, **Língua e Realidade.** São Paulo: É Realizações Editora, 2021. p. 45.

[24] Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 81.

[25] Idem.

tradução (além de suas dificuldades mais específicas) "revela que a cada estrutura de cada língua individual corresponde um cosmos significativo diferente. Cada língua é um mundo diferente, cada língua é o mundo inteiro, e diferente de toda a outra língua. (...) Pelo método da tradução pode-se participar de diversas realidades" [26].

Ouçamos Lucchesi: "23.11.2006

O desafio da língua persa consiste em aglutinar e encompridar.

Uma gramática forte, cuja dificuldade não se parece nem de perto com o quase impossível do turco, que é das línguas mais rochosas com as quais me deparei.

Mas como é bela a língua turca (...) Gosto dos tremas curtos – para os distinguir dos longos, praticados pelo húngaro, com os quais *relativamente* se aparentam – e tento imaginar a passagem da China para a Anatólia, partindo das longas caravanas de suas palavras, como a dar prova das amplas fronteiras na noite em que se perde a história dessa língua" [27].

Prossegue Lucchesi: "20. 03. 2007

Observo a passagem do conceito para a metáfora. A circulação do pensamento-poético, desde os adjetivos mais voláteis aos abismos do pensamento. A franja do intraduzível. Tangenciar conceito e imagem..." [28].

Ele tem
perfeita
consciência
de que somente
signos imateriais,
por lembrar de
Proust,
podem
nos aproximar
daquilo que buscamos.

Mas. Como afirmamos anteriormente Marco Lucchesi é um poeta nato. "A poesia é, pois, a produção da língua. De onde produz o poeta a língua? *Ex nihilo,* daquele nada indizível que é o Alfa e o Ômega da língua. (...) como pode a poesia subir ou descer até o nada para dele [o polo] arrancar nova língua? Os antigos o sabiam: graças às musas. Os poetas, essas bocas das musas, são os canais através dos quais o nada se derrama por

---

[26] Flusser, **Língua e Realidade,** p. 163.

[27] **A flauta e a Lua**, p. 146.

[28] Idem, p. 154.

sobre a língua, realizando-se nela. A poesia é o lugar onde a língua suga potencialidade, para produzir realidade" [29].

Sínteses (não fórmulas) inconclusas...

V. O conjunto de obras de Marco Lucchesi é marcado pela estética do labirinto como detalha, de forma fundamentada, um dos ensaios desta obra.

I. A estética do labirinto é regida por uma arquitetura musical oscilante. Cambaleante. Sem invariáveis ou constantes. O abismal é a sua aura. Aromática.

IX. O processo de criação de Marco Lucchesi é insondável, como todos, mas o seu alto grau de originalidade advém de sua intuição sensorial-intelectual como exposto e fundamentado nesta apresentação. A intuição intelectual é a única que permite, além da sensorial, um envolvimento mais profundo de percepção que, de fato, compreende a relação entre o ser e o cosmos. No entanto, como observado nesta apresentação, enquanto a intuição sensorial é inata, a intuição intelectual deve ser cultivada. Travessia, sem placas de sinalizações, para os raros como é o caso de Marco Lucchesi. Talvez as travessias sejam regidas pelos diálogos com as estrelas...quem saberá? Ou nos sussurros entre a *flauta e a lua* sob os *domínios da insônia* e o olhar, quase implacável, dos *olhos do deserto.*

III. Marco Lucchesi exige a exatidão daquilo que vê, observa e sente. Mas sabe dos abismos, ora mais leves, ora mais profundos, que o separam "dos fenômenos".

---

[29] Flusser, p. 193.

VIII. A liberdade, em todos os eixos, (natureza e graus), do poeta é soberana. Em grande parte justifica o inalcançável que o caracteriza. Marco não deixa pistas, explícitas, do que é, foi e será. (presente, passado e futuro?)

VII. Todos os registros de Marco Lucchesi (poesias, romances, ensaios, discursos, entrevistas, cartas, traduções) são atravessados por um alto grau de experimentalismo. Não existe escapatória. Mas o poeta possui também, (como fundamentam alguns dos ensaios desta obra), obras radicalmente experimentais. Em outras palavras: obras que não se enquadram em nenhuma "tipologia" textual estabelecida pelas famosas, pretensas e imprecisas "classificações".

XIII. O conjunto de obras (registros) de Marco Lucchesi, ao serem analisados sob as mais variadas perspectivas, exigem, por si só, uma "metodologia" própria. Em outras palavras: não há como estabelecer um método prévio de análise ou interpretação. Como tantas vezes nos alertaram os grandes pensadores para tudo aquilo que contém originalidade e se mostra "irreconhecível" não somente pelo senso comum. Portanto, cada texto de Lucchesi, por ele mesmo, exige uma "metodologia" própria. Muitas vezes tortuosa. Labiríntica e composta, sempre, de variáveis e inconstantes.

Advertência!

O conjunto das obras de Marco Lucchesi, seguramente, levam seus leitores a práticas das transformações silenciosas.